



# A

ATUAL

Nº 2067 | **Expresso**

9 JUNHO 2012

WEEGEE

DAVID VANN

ALAIN DE BOTTON

VICTORINO D'ALMEIDA

# JOANA VASCONCELOS

A ARTISTA QUE VAI LEVAR "A IDENTIDADE PORTUGUESA" A VERSALHES P6

Dia 19, Joana Vasconcelos inaugura uma exposição individual no Palácio de Versalhes. Será a primeira artista portuguesa a ocupar o mítico espaço francês. Ciente da responsabilidade, resolveu dialogar com a história e com a estética do local, cruzando-as com as técnicas tradicionais portuguesas, numa homenagem às mulheres que ali viveram e mudaram o curso da História. Tal como a mostra vai mudar a sua vida

Entrevista **Alexandra Carita**  
Fotografias **Talos Buccellati**

# JOANA VAS





**No ateliê** de Joana Vasconcelos, o corupio é grande. Em vésperas de partir para Versalhes, toda a equipa ultima os preparativos e dá retoques nas muitas peças a embalar. Joana trabalha na "Perruque", obra que irá instalar no quarto de Maria Antonieta. A mãe ajuda-a. Alice, a filha de oito meses, passeia num andarilho e brinca com o cão dos avós. Entre telefonemas e muitas perguntas e respostas da equipa de "artesãos contemporâneos", a artista fala do grande desafio da sua vida: a exposição no Palácio de Versalhes, que vai ser inaugurada no próximo dia 19 e cuja montagem o Expresso acompanhou.

**Como vê esta exposição em termos do seu percurso profissional?** É um marco, sem dúvida. É a minha grande exposição de meio de carreira. Mas, além disso, é sobretudo uma oportunidade de abrir novas portas. Todas as exposições são interessantes de alguma maneira. Mas há poucas que mudam o curso da vida. Esta é uma delas. É como as Bienais de Veneza ou uma Documenta. Há alguns eventos que, bem feitos, podem abrir portas que, apesar de todas as outras exposições, nunca iriam ser abertas. Já tive algumas, não me posso queixar. Já estive na Bienal de Veneza duas vezes, na primeira vez no Arsenal, na segunda no Palácio Grassi. No entanto, estou consciente de que os percursos não são ganhos com uma única exposição. Elas potenciam outros convites, a possibilidade de expor noutros museus. No fundo, esta é uma excelente oportunidade para que a minha carreira se desenvolva mais internacionalmente.

**Quando é que recebeu o convite?** Há um ano.

**Foi um ano de trabalho intenso?** Sim, muito.

**Que relação quis criar ou privilegiar com o Palácio de Versalhes?** Versalhes é um símbolo europeu. É naquele palácio que acaba a monarquia e se institui a república, uma república que em termos europeus foi sendo o modelo político a seguir. Daí que, quando fui convidada, tenha decidido em conjunto com o comissário da exposição, Jean-François Chougnat, fazer um trabalho ligado à identidade feminina em Versalhes. Já tinha várias peças que se integravam bem no espaço e quis continuar por aí. Quis fazer uma homenagem às rainhas e às muitas mulheres que estiveram naquele palácio e que fizeram parte dessa história e dessa transformação. E não é só a Maria Antonieta. Há uma Madame Pompadour, há várias amantes... São essas vivências que dominam a minha exposição. O que implica que eu só faça a Ala da Rainha, não faço a Ala do Rei. E que faça uma grande instalação na

"O MEU  
CONCEITO  
FOI SEMPRE  
UNIR ESTE  
SÍTIO  
FANTÁSTICO  
AO  
TRABALHO  
DOS  
ARTESÃOS  
FANTÁSTICOS  
QUE NÓS  
TEMOS"

# CONCELLOS

## CAPA EXPOSIÇÕES

Sala das Batalhas, com as minhas “Valquírias”, que são personagens femininas a voar no meio de muitos soldados. Depois faço outra instalação no exterior do palácio [“Pavillon de Vin” e “Pavillon de Thé”, em ferro forjado].

**Apresenta várias peças novas...** Sim. São peças feitas de propósito para dialogarem com aquele ambiente. Uma coisa é tu impores coisas aos espaços, outra coisa é criares uma relação com o espaço e com a história. Nós tentámos ir um bocadinho mais longe, criando uma relação com o espaço.

**Uma relação também com a história, no sentido mais literal do termo, e uma relação com as histórias das artes...** Sim. Aproveitei, por exemplo, os nossos “Castiçais” do CCB, que são feitos com garrafas de vinho e que em Versalhes serão feitos com garrafas de champanhe da Pommery, que são garrafas com uma dose individual. Essa é uma peça que tem a ver com a identidade alcoólica dos países. E vou colocá-la junto às *Arts de la table*, que ocuparam sempre um lugar de destaque em Versalhes. A peça que coloco no quarto da Maria Antonieta, “Perruque”, é feita como se fosse uma peça de mobiliário, mas fala da loucura da moda, dos cabelos e do exagero, que naquele palácio levou a transformações grandes, a grandes descobertas e a uma pesquisa em busca da invenção. Nesse sentido, “Perruque” está a meio caminho entre o mobiliário — é feita na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva com grande luxo — e os objetos completamente inúteis e decorativos, fazendo ainda alusão às perucas. Obviamente, também tem a ver com os *Oeufs Fabergé*, objetos típicos dos palácios e das cortes, nomeadamente a russa. Nenhuma peça está fechada em si própria, todas estão relacionadas com o lugar onde vão ser expostas.

**Tudo isso foi estudado?** Tudo, tudo, tudo.

**E que Joana Vasconcelos vai estar em Versalhes?**

Uma Joana com uma perspetiva muito ligada ao luxo, muito ligada à mulher e que questiona todo um discurso associado a Versalhes. Uma Joana que revê o Palácio de Versalhes mas que não deixa de procurar ligações aos seus aspetos estéticos.

**O que mais a surpreendeu na história de Versalhes?** Surpreendeu-me a quantidade de coisas que foram inventadas em Versalhes, coisas como o conceito de casa de banho, de hospital... Há imensas coisas que foram criadas naquele luxo, naquele esbanjamento. Um esbanjamento que permitiu que acontecessem ideias, que houvesse oportunidades para criadores pensarem coisas novas que ficaram para a nossa cultura ainda hoje. Há várias invenções completamente doidas a nível da moda e a nível do design. Versalhes é engraçado por isso. Apesar de ter sido um exagero, também foi um espaço de criação. Percebe-se que há um requinte e um grau de aventura enorme por partê dos criadores que lá trabalharam. Esquecendo a corte, a quantidade de artistas que andaram em Versalhes é impressionante; marceneiros, escultores, pintores... Aquele lugar, para existir, teve de ter uma comunidade artística poderosíssima.

**Essa história é por si só um estímulo para criar?** Sem dúvida. Aquele sítio, aquela beleza, aquela

“

Queria gerar um discurso autónomo e de contemporaneidade apesar da integração no espaço. As peças têm uma dimensão tal que, em vez de estarem a decorar, estão a ocupar. Ficam em pé de igualdade com as peças que já existem ali, e Versalhes é um sítio onde não cabe mais um alfinete!



“Marilyn”, dois sapatos de salto alto feitos com tachos e painéis da Silampos, ocupa a Galerie des Glaces (no cima); “Perruque” é uma peça feita por artesãos da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e decorada com cabeleiras de várias cores, que vai homenagear as 19 mulheres que deram à luz no Quarto da Rainha (em cima); e “Coração Independente Preto” estará no Salon de la Guerre (à direita)



opulência, o luxo... Tudo isso são coisas que tenho vindo a trabalhar. Versalhes, para mim, nem é um cenário difícil. Há cenários austeros que me obrigam a pensar como é que vou integrar a obra. Versalhes não. É um cenário que só puxa por mim!

**A dimensão das peças terá sido um fator determinante?** Muito. Corria o risco de me tornar decorativa, e isso não queria. O que eu queria era gerar um discurso autónomo e de contemporaneidade apesar da integração no espaço. Para isso, a escala das peças foi determinante. As peças têm uma dimensão tal que, em vez de estarem a decorar, estão a ocupar. Ficam em pé de igualdade com as peças que já existem ali, e Versalhes é um sítio onde não cabe mais um alfinete! Se fores para lá fazer decoração, desapareces, és engolida pelo próprio espaço. A ideia de resistir ao espaço foi para mim a primeira regra.

**E a segunda foi criar peças que fossem um espelho do melhor da arte tradicional portuguesa?** Sem dúvida. É o caso de uma tapeçaria de Portalegre que vou colocar num arco numa escadaria interior, onde poderia haver uma janela. É a ideia do vitral e a ideia de catedral que procuro levar associada a um universo decorativo. Em Versalhes não há vitrais, mas há um sentido de santuário, um pouco como se fosse uma igreja.

**As ideias foram surgindo umas atrás das outras?** Posso dizer que sim. O meu conceito foi sempre unir um sítio fantástico ao trabalho dos artesãos fantásticos que temos.

**Vão estar lá também as suas peças mais icónicas, como o “Coração Independente” [feito de talheres de plástico a imitar filigrana] ou a “Marilyn” [sapatos de salto alto feitos de tachos]. Elas vão sofrer alguma alteração?** Sim. O “Coração Independente” [nas versões Vermelho e Preto] queríamos que fosse acompanhado pela música, mas não nos deixaram, só se poderá ouvir no áudio guia. Já a “Marilyn” vai estar na Galerie des Glaces, impecável.

**São peças portuguesas, com certeza... É isso?** Sim. Desde os corações aos sapatos feitos com as nossas painéis da Silamos...

**Também há os bordados de Nisa... E o Bordalo Pinheiro com o croché que vem do Pico. Não deixa de ter graça ter tudo isso no meio de Versalhes.**

**No meio do tal símbolo europeu?** De certa forma, sim. É evidente que os estrangeiros olham para as peças de outra maneira. Veem o croché *tout court*, por exemplo, só para nós é que ele é do Pico e tem essa graça.

**Porquê a junção do artesanato às suas peças?** Porque tenho o gosto da mão. O gosto da mão é um gosto muito particular. A maioria dos artistas já não o tem e por isso manda fazer tudo fora do ateliê. Eu tenho o gosto do fazer. Gosto de aprender as técnicas, gosto de conhecer as pessoas que dedicam a sua vida a um saber. A maioria das artes é muito mais conceptual, porque já não se relaciona com a matéria. É muito mais fácil e prática. Encontrar as pessoas certas, explicar-lhes o que se quer fazer e porquê, trabalhar em conjunto é uma trabalheira!

**Mas aí entra a sua personalidade, ou não?** Sim. O meu processo de trabalho passa por esse encontro

com o outro, pela partilha, pela minha evolução pessoal, pela necessidade de aprender a razão e o porquê das coisas. O artesanato tem imenso interesse, mas tem uma razão de ser. Não tem o mesmo lado criativo que as artes. É uma consequência de uma cultura. As artes também, mas com outra perspectiva. O artesanato cumpre uma funcionalidade. A arte também, mas diferente.

**Qual é a funcionalidade da arte?** Que o pensamento possa ir mais longe. A fruição da arte tem de permitir que o pensamento questione, mova fronteiras, olhe o mundo de outra maneira. Há um lado de reperspetivar o futuro ou de lançar sementes para o futuro.

**Tudo correu como planeado de início?** Nem por isso. Começámos logo a trabalhar e tem sido trabalhar a um ritmo alucinante. Mas apanhei uma transferência de direção em Versalhes que me atrapalhou bastante. Estava a contar com a visão de um diretor [Jean-Jacques Aillagon] e acabei com uma visão completamente diferente de outra diretora [Catherine Pégard]. Isso obrigou-nos a um certo *delay*, quer em termos da estratégia a seguir, política e económica, na exposição, quer em termos de alteração de peças.

**Refere-se à censura feita à peça "A Noiva" [candelabro feito de tampões]?** Sim. A peça fazia parte da exposição desde o início até que a nova diretora chegou e a censurou. É uma coisa horrível.

**Como é que reagiu?** Muito mal. Estou tristíssima. Foi muito duro ver a peça censurada. É evidente que uma exposição é mais importante do que uma peça e que esta oportunidade aparece uma vez na vida, mas para mim fazia todo o sentido ter "A Noiva", ela é a minha peça mais icónica, e ser privada dela quando estou num local incrível é para mim antagónico. Não faz sentido. Tenho muita, muita pena que tenha sido assim.

**Os convites para expor em Versalhes surgem da direção do palácio?** Sim. O Jean-Jacques Aillagon convidou-me. Pedi à minha galerista francesa para ver o meu trabalho e achou que se enquadrava perfeitamente. Depois ligou a convidar-me. Entretanto, estava grávida desta miúda, e esta miúda nasceu [tem a filha ao colo]!

**Teve uma prenda enorme durante o processo de criação da exposição!** São duas prendas enormes, esta miúda e Versalhes! ▲

Feito com talheres de plástico a imitar a filigrana de Viana do Castelo, este "Coração Independente" é uma das peças mais icónicas da artista

## RAINHA JOANA

O imenso estaleiro para a montagem das principais peças da exposição, com armações de ferros, roldanas e cordas, estende-se da entrada do palácio, na Escada Gabriel, até ao quarto da rainha Maria Antonieta. Serena e compenetrada, Joana Vasconcelos dirige os 20 colaboradores vindos propositadamente de Portugal com palavras e gestos amigos. Nesta segunda-feira, 4 de junho, Versalhes é todo dela e está fechado ao público.

A certa altura, no Salão da Guerra, depois de "Coração Independente Preto", genial rendilhado bordado com materiais pobres (garfos e colheres de plástico), ter sido içado e dependurado do fresco do teto, a artista deteta um erro na "linha visual" que apenas ela vê. A altura do seu "Coração" não está alinhada com os lustres da contígua Galeria dos Espelhos, a imponente sala de cerimónias de Luís XIV. Feitas as medições, Joana tem razão: o "Coração" terá de descer 22 centímetros.

Na galeria está já montada ao fundo, a poucos metros da porta que dá acesso ao Salão da Paz, uma das peças-chave da exposição: "Marilyn", um gigantesco, cintilante e muito elegante par de sapatos de salto alto, que se integra com uma paradoxal desarmonia no fabuloso conjunto destinado a exaltar o poder absoluto do rei. Os sapatos, construídos com painéis e tachos de aço inoxidável, associam o seu brilho fulgurante aos 357 espelhos do majestático salão e, como os de Dorothy ("Feiticeiro de Oz"), são mágicos. A sua simples presença no palco da soberania mais total conduz a uma estonteante metamorfose no visitante, que é transformado, de repente, em criança. O par de sapatos muda tudo neste teatro de espelhos, pinturas exaltantes e ornamentos dourados: abre a porta ao mais maravilhoso dos feitiços e à viagem num mundo imaginário habitado por graciosas mulheres.

Joana calça sapatilhas, está em fato de trabalho e sem maquilhagem. É uma mulher sensível e simples que, quando fala conosco ou observa, sem-

pre muito "zen", as suas instalações, transmite paz e beleza com a maior das naturalidades. Feminista e feminina, diz com fulgor especial junto às painéis e tachos: "São motivos naturais tornados em luxo, é a mulher contemporânea dividida entre a casa, a família e a sua função pública; os sapatos são o símbolo das mulheres, do *glamour*, as painéis representam a vida tradicional."

Os sapatos serão desmontados ainda esta noite, depois de serem fotografados para o catálogo, e mais tarde voltarão a ser montados com todo o rigor. Joana sobe a um escadote e controla a imagem da máquina fotográfica do pai, Luís Vasconcelos. Aspira à perfeição e leva todo o trabalho a sério: "Temos pouco tempo para fazer tudo, a montagem é complicada, temos de ser rápidos porque amanhã o palácio já estará cheio de pessoas e de turistas."

No Salão da Paz está suspenso o "Coração Independente Vermelho". Com luvas brancas, Joana participa na limpeza dos talheres, como fizera no Salão da Guerra. Os dois "Corações" ficam nas extremidades da tal "linha visual" imaginada pela artista, linha de arquitetura que integra os numerosos candelabros e o cume dos sapatos. Ao lado, no Quarto da Rainha, é montada outra peça, "Peruque", uma espécie de enorme móvel oval surpreendente e extravagante, em madeira, incrustado de pequenos apliques de metal dourado e do qual saem tufo de cabelos, inspirados nos penteados que se exibiam em Versalhes.

Toda a exposição tem como fio condutor uma homenagem às mulheres. Joana é a primeira mulher a expor no palácio, depois do americano Jeff Koons, do japonês Takashi Murakami e dos franceses Xavier Veilhan e Bernar Venet. "Sou uma artista, além de ser mulher... Mas de facto escolhi obras mais no feminino", explica.

Entre as obras já montadas para a exposição — algumas vão ficar escondidas por biombos até à inauguração — figura igualmente "Mary Poppins", na Escada Gabriel, uma colorida e tentacular criação em tecido da série "Valquírias", que terá prolongamentos noutros salões. Diversas esculturas completam a mostra, que começa no magnífico jardim com duas agigantadas peças em ferro rendilhado — um bule de chá e um garrafão. Joana sabe que todas as idênticas exposições anteriores em Versalhes deram polémica. A dela não será exceção. "Espero bem que dê, mas por uma boa razão", diz.

Daniel Ribeiro, correspondente em Paris

